

O SER HUMANO FRENTE A DEUS NA TEOLOGIA DE SÃO PAULO

(The human being before God in the Pauline Theology)

*Alberto Casalegno SJ **

As nossas culturas são moldadas sempre mais pela ciência, pela técnica e por uma visão secular da vida. Nelas está se perdendo o sentido de Deus e da sua transcendência. Escreve o teólogo luterano E. Jüngel: “Não somente não sabemos como se deve falar de Deus, mas nos interrogamos se é possível falar dele e aliás – também se isto for possível – se é oportuno falar de Deus [...]. Fora de um determinado e restrito âmbito religioso, Deus não é mais chamado em causa com certa seriedade e, se isso acontecer, suscita-se logo uma situação embaraçosa”¹. É verdade que para muitos Deus é um simples nome que evoca lembranças do passado, devoções e atitudes infantis, sem corresponder a uma genuína experiência. A Bíblia, tomando distância da mentalidade corriqueira, nos assegura que Deus é o primeiro e o último, a origem e a meta de todas as coisas, quem dá sentido à existência humana e constitui seu alicerce. Na qualidade de Santo por excelência, não é possível ver seu rosto, mas somente suas costas (Ex 33,18-23). De fato, perante Deus, a atitude melhor é a do silêncio que crê e adora porque, sem silêncio, o ser humano multiplica os ídolos. Na carta aos Romanos, que constitui uma síntese teológica muito elevada, Paulo reflete sobre a realidade de Deus, mostrando a situação do pagão e do judeu, antes de Jesus e sem Jesus, para evidenciar a novidade trazida por aquele que os cristãos reconhecem como o Filho de Deus.

* Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional, Nápoles. Artigo submetido a avaliação no dia 09/03/2009 e aprovado para publicação no dia 20/04/2009.

1. O pagão e seus desvios na procura de Deus (Rm 1,18-32)

Paulo declara que a criação é um grande poema que fala de Deus, de acordo com as perspectivas do AT, à luz das quais “os céus narram a glória de Deus e o firmamento proclama a obra de suas mãos” (Sl 19,2). À luz dessa perspectiva destaca que os pagãos conseguiram conhecer a Deus (Rm 1,21). Com efeito, a partir da criação, o ser invisível de Deus (*tà aórata autoû*) pode ser contemplado pelos olhos da mente (*nooúmena kathorâtai*) por meio das coisas feitas (*toîs poiêmasin*). Seu pensamento concorda com as considerações do estoicismo, do pitagorismo e do neo-platonismo, que, com exceção do epicurismo, proclamam a existência de Deus, sua influência na vida humana e a possibilidade de conhecê-lo². A criação tem, pois, um valor simbólico e, por analogia, remete para outra realidade; representa um apelo que ajuda a desvendar o enigma que cerca o ser humano e todas as coisas.

No texto, Paulo frisa somente duas qualidades de Deus que o ser humano pode compreender, considerando “a grandeza e a beleza das criaturas” (Sb 13,5): sua força que age dinamicamente no mundo e sua alteridade a respeito da realidade existente (*aídiôs autoû dýnamis kai theiôtês*). Sem dúvida, pressupõe sua unicidade e sua personalidade, sem, porém, afirmá-las explicitamente. Exprimindo-se desta forma, distingue provavelmente entre a atuação de Deus que se torna manifesta nas suas obras e é atingível pelo raciocínio humano e sua essência que fica desconhecida porque diferente de todas as coisas. Trata-se de um conhecimento intuitivo, não de uma dedução elaborada, característica da filosofia, de uma percepção do coração que a partir dos efeitos chega às causas e é fruto da inteligência (*noûs*) que descobre nas obras as pegadas do seu autor invisível. Na sua reflexão Paulo manifesta grande confiança nas possibilidades da razão, embora a dita teologia natural, presente na carta aos Romanos, leve somente às feições genéricas de Deus, a uma visão minimalista da sua identidade, porque falar do poder exercido por ele no cosmo e da sua transcendência representa somente um primeiro passo na direção do seu mistério (At 14,16-17; 17,24.28-29)³. A esse respeito a disquisição sobre Deus da filosofia grego-pagã e do judaísmo helenístico é mais rica.

² O filósofo Epiteto, ilustre expoente do estoicismo, reconhece a tensão dinâmica para Deus presente no coração do homem (*Diatribes* 3,24,114); Dion de Prusa (*Oratio* 12) escreve: “Todos os seres humanos têm grande desejo de honrar o divino de muito perto” por causa da tendência natural presente em cada ser, da observação da criação, da reflexão filosófica, da arte e da cultura que são apelos contínuos à presença do Deus soberano. Filon de Alexandria destaca que a criação é a “sombra” de Deus (*Legum allegoriae* 3, 96-99). Cf. R. PENNA, *Lettera ai Romani*, I, Rm 1-5, Bologna: EDB, 2004, pp. 175-180.

³ Discute-se entre os exegetas se em Paulo há uma teologia natural. Cf. R.H. BELL, *No one seeks God: An Exegetical and Theological Study of Romans 1,18 – 3,20*, Tübingen:

De fato Paulo está mais interessado em realçar que a correta compreensão de Deus do pagão foi comprometida pela idolatria que caracteriza a religiosidade popular romana, como já tinha reconhecido o judaísmo que não poupou suas críticas. Destaca, portanto, que os pagãos não tiraram as devidas consequências da revelação que receberam de Deus por meio da criação, não o honraram como Deus, nem lhe renderam graças, mas se perderam em vãos arrazoados⁴. Há, de fato, uma enorme distância entre seu conhecimento de Deus, embora embrionário, e seu comportamento prático-existencial. Com efeito, na sua vida concreta recusaram reconhecer sua dependência de Deus e sua creaturalidade, vivendo centrados em si mesmos, esquecendo-se da “rocha” da qual foram talhados (Is 51,1). Multiplicando a adoração das obras de suas mãos, fizeram com que a ira de Deus⁵ se manifestasse contra eles, assim como contra todos os seres humanos, sejam pagãos ou judeus, que com sua “impiedade e injustiça” mantêm “a verdade prisioneira da injustiça” (Rm 1,18)⁶.

Por causa dessa atitude os pagãos se tornaram “vazios” (*emataiôtêsan*, Rm 1,21)⁷, “tolos” (*emôranthêsan*), embora acreditando ser “sábios” (v. 22; cf. Sb 13,1.6; 14,5). Tanto seus pensamentos (*en toîs dialogismoîs*), como seu coração (*kardía*) e todo o seu comportamento, foram comprometidos por uma degradação progressiva e sempre mais aviltante, até trocar a glória de Deus “por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1,23)⁸. Do pecado de idolatria decorreram outros desvios morais

Mohr Siebeck, 1998, p. 48. Cf. R. PENNA, “Dialettica tra ricerca e scoperta di Dio nell’epistolario paolino”, in *L’apostolo Paolo: Studi di esegesi e teologia*, Cinisello Balsamo: Edizioni Paoline, 1991, pp. 593-629, aqui 594-599; ID., “La dialettica paolina tra possibilità e impossibilità di conoscere Dio”, *Rassegna di Teologia* 43 (2003) 659-670; H. SCHLIER, “La conoscenza di Dio nelle lettere di S. Paolo”, in *Riflessioni sul Nuovo Testamento*, Brescia: Paideia, 1976, pp. 413-438.

⁴ Na carta aos Efésios, Paulo lamenta que os pagãos andam “na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações” (Ef 4,18). Cícero, no século anterior a Paulo, critica as ingênuas concepções populares dos deuses (*De natura deorum*, 1,43-45).

⁵ Paulo fala de modo antropomórfico; não entende por “ira” o estado emocional de Deus, semelhante ao nosso, mas os efeitos nefastos que a negação de Deus determina na vida do homem.

⁶ No texto não se fala explicitamente dos pagãos (*tà ethnê*). Cf. G. SEGALLA, “L’empietà come rifiuto della verità di Dio in Romani 1,18-28”, *Studia Patavina* 34 (1987) 275-296; R. BAULÈS, *L’Evangile puissance de Dieu: Commentaire de l’épître aux Romains*, Paris: Cerf, 1968, pp. 77-92.

⁷ O termo “vazio”, no AT relacionado aos ídolos, destaca que os pagãos se tornaram extremamente pobres, insignificantes aos olhos de Deus, aliás, fumaça que se esvai (1Cor 8,5-6).

⁸ O texto paulino que descreve as várias formas de culto idólatrico praticadas na antiguidade, às quais Israel nem sempre soube resistir (Os 10,8; Am 5,25-27; 7,9), faz referência ao episódio bíblico do bezerro de ouro (cf. Sl 106,20). Cf. S. LYONNET, *Il Vangelo di Paolo: Meditazioni sulla lettera ai Romani*, Torino: Marietti, 1970, p. 31; G. BARBAGLIO, *Le Lettere di Paolo*, II, Roma: Borla, 1980, pp. 221-255; S. LÉGASSE, *L’Epistola di Paolo ai Romani*, Brescia: Queriniana, 2004, p. 89.

e sociais: a perversão na vida sexual, o fracasso das relações na família e na convivência humana, a perda completa do senso moral, não somente fazendo o mal, mas aprovando quem o realiza (v. 32). Desta forma, Paulo destaca que o reconhecimento de Deus não é algo de accidental na vida humana, mas básico e fundamental. Com efeito, quando o ser humano não quer reconhecer o mistério de Deus, destrói a si mesmo, não compreendendo que sua identidade está profundamente relacionada com Deus do qual depende. O Deus dos pagãos é, pois, um Deus só conhecido de longe, mas de fato ignorado e confundido com os ídolos. O castigo que eles merecem não consiste somente na punição escatológica, mas na extrema baixez na qual caíram (cf. Sb 11,16)⁹.

Na apresentação da situação do pagão, Paulo faz uso da sua capacidade retórica, utilizando os chavões da propaganda judaica que frisa a imoralidade dos gentios e sua permissividade sexual. Descreve, pois, o paganismo em abstrato, sem se preocupar com as pessoas concretas. Nunca matiza, só condena, desconhecendo os valores positivos da religião pagã, como a sincera procura de Deus, embora “às apalpadelas”, seu esforço por uma correta vida moral, sua oração¹⁰. O intuito de Paulo não é moralista, mas teológico, com a finalidade de destacar que a situação do ser humano sem Cristo é desesperadora. A artificialidade do quadro se torna clara porque o próprio Paulo, dirigindo-se aos judeus, reconhece que os gentios “fazem naturalmente (*phýsei*) o que é prescrito pela Lei”, mostrando que as prescrições da Lei estão gravadas nos seus corações (Rm 2,14-15). Desta forma destaca que, em sua consciência, mantêm a percepção dos valores morais, acrescentando que, embora não circuncidados, manifestam ser circuncidados no coração, vivendo em amizade com Deus (vv. 27-29. Cf. Jr 4,4).

2. A compreensão limitada de Deus por parte do judeu (Rm 2,1 – 3,8)

O judeu se encontra numa situação diferente da do pagão. Durante toda sua história, Deus se lhe manifestou por meio da Eleição, da libertação do Egito, da Aliança, dos profetas e dos sábios. Recebeu uma revelação positi-

⁹ Isto é indicado pela tríplice expressão que se repete: “Por isso Deus os entregou” (Rm 1,24.26.28). Dizendo que Deus “entregou” o ser humano ao pecado, Paulo não quer dizer que Deus é a causa da perversão humana, porque não leva em conta as ditas ‘causas segundas’. De fato, Deus permite que o homem fique à mercê dos seus instintos corrompidos. Cf. M. GILBERT, “La Bible et l’homosexualité”, *Nouvelle Revue Théologique* 109 (1997) 78-95.

¹⁰ Paulo não considera as orações dos pagãos: os hinos órficos, as celebrações de Ísis, o hino a Zeus, obra de Cleanto. Cf. PENNA, *Lettera ai Romani*, p. 181. Cf. ID., “Prospettiva evangelica su idolatria e degrado umano (Rm 1,18-32)”, *Parola, Spirito e Vita* 46 (2002) 97-111.

va e não somente a palavra da criação. Por isso todo hebreu, digno desse nome, confessa a riqueza da bondade de Deus, sua tolerância e paciência (Rm 2,4; 9,22); sabe que ele é fiel (3,4; 4,21), veraz (3,4) e justo (3,5), que não faz acepção de pessoas (2,11), é o único sábio (16,27); reconhece que ele faz misericórdia (9,16), perscruta os segredos dos corações (2,5.16) e retribui a cada um de acordo com suas obras (2,6). Em particular, o judeu agradece a Deus pelo dom da Lei que é santa e pelos mandamentos que são bons e justos (7,2). Apesar de tudo isso, Paulo lamenta que o judeu não se encontrou verdadeiramente com Deus porque, embora conhecendo sua vontade, não chegou à conversão (2,4). Aliás, aconteceu algo de paradoxal: a Lei que devia ajudá-lo a evitar o mal, o impulsionou para esse mal (7,11).

A causa da compreensão limitada de Deus por parte do judaísmo não está, porém, relacionada com a vida moral. Preocupado com a prática da Lei, que procura realizar sem poupar esforços e sacrifícios, tentando superar sua fragilidade, o judeu considera Deus como o Deus do preceito que deve agradar com uma vida exemplar, de acordo com as obrigações mosaicas. Imagina Deus segundo as suas perspectivas legalistas como um Deus da justa retribuição que revida com dano igual ao sofrido; afinal, um Deus que obedece à lei do talião. Nem de longe consegue pensar no Deus da misericórdia e do perdão que ama e reabilita o ser humano pecador. Sua visão de Deus é míope e o leva a comportar-se como um escravo, esquecendo que no AT Deus escolhe seu povo, o guia, o protege, o trata como um amigo, como um “tu”, esperando dele uma resposta cheia de confiança. O judeu, ao contrário, baseando-se no pressuposto de que a justificação se alcança pelas obras da Lei, pensa ganhar a salvação pelos méritos acumulados ao longo da sua vida, chegando a colocar no prato da balança as boas ações e os pecados, seus e dos outros, prevendo de antemão quem será salvo ou reprovado. Desta forma, substitui-se a Deus, negando a relação pessoal “eu-tu”, que é básica na sua existência de povo eleito.

Além disso, o judeu interpreta a Eleição como um privilégio exclusivista, menosprezando e julgando os outros (2,1). Cheio de vanglória, sente-se superior ao pagão, pensando gozar de atenções e favores particulares por parte de Deus. Paulo critica asperamente essa atitude e declara que ter recebido a Lei não é motivo suficiente para ter segurança no juízo, sendo preciso colocar em prática a Lei que, em si, não é um privilégio, nem um benefício particular. Peca, portanto, quem transgredir a Lei, seja fora da Lei seja com a Lei, porque não realiza a vontade de Deus indicada na Lei. O judeu faz isso e Paulo zomba do seu comportamento: “Eis que tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na Lei, e te glorias em Deus, e sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído pela Lei e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na Lei; tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulte-

ras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na Lei, desonras a Deus pela transgressão da Lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa vossa” (2,17-24). O que caracteriza o judeu é, pois, sua superficialidade e sua jactância (4,2). O Deus que ele pensa adorar é o Deus que lhe oferece vantagens, que o protege apesar dos seus pecados¹¹.

O judeu não fica satisfeito em arrancar de Deus sua salvação e presumir que ele feche os olhos sobre seus desvios; pensa também verificar sua presença nos acontecimentos da vida¹². Em consequência disso exige milagres e eventos extraordinários que manifestem se Deus age ou não na sua história. Com efeito, se os gregos buscam sabedoria, “os judeus pedem sinais” (1Cor 1,22). Prova disso é o que acontece em Massa e Meriba quando os filhos de Israel pedem água e tentam ao Senhor, dizendo: “Está o Senhor no meio de nós ou não?” (Ex 17,6-7)¹³. É à luz dessa situação que Paulo destaca que a sabedoria de Deus confunde todos os projetos e desejos humanos e se revela na cruz. Segue-se que se o judeu fez uma verdadeira experiência de Deus (Os 11,1-6), com seu comportamento centrado nas obras e seu pedido de sinais a Deus, demonstra acreditar mais em si mesmo que em Deus.

Como para o paganismo, Paulo oferece uma interpretação unilateral do judaísmo, referindo-se à situação do seu tempo, na qual prevalece a ideologia farisaica que vive na obsessão da observância de todos os 613 preceitos da Lei. Quer mostrar que também o judeu está longe da verdadeira compreensão de Deus. Por isso, conclui que tanto o caminho do pagão como o do judeu são insuficientes¹⁴. O pagão alcança somente o Deus do seu raciocínio e dos seus desejos, o judeu o Deus rigoroso e exigente que recompensa de acordo com o que recebe, no qual não confia plenamente. A conclusão é que “não há homem justo, não há um sequer [...], não há quem busque a Deus” (Rm 3,10-11)¹⁵. Paulo considera, assim, toda a his-

¹¹ N.M. WATSON, “Justified by Faith; Judged by Works – An Antinomy”, *New Testament Studies* 29 (1983) 209-221; S.K. STOWERS, “Paul’s Dialogue with a Fellow-Jew in Romans 3,1-9”, *Catholic Biblical Quarterly* 46 (1984) 707-722.

¹² G. BARBAGLIO, *La prima Lettera ai Corinzi*, Bologna: EDB, 1996, pp. 138-143.

¹³ Jesus sempre recusa os pedidos que querem uma legitimação da sua obra e da sua missão divina (Mt 8,12; Lc 11,21; Jo 2,18). Cf. M. PESCE / A. DESTRO, “Giudei e Gentili, Elleni e Barbari. Come Paolo si confrontava con le culture”, in L. PADOVESE (org.), *Atti del I Simposio di Tarso su S. Paolo Apostolo*, Roma: Pontificio Ateneo Antoniano, 1993, pp. 65-103.

¹⁴ Em Rm 10,20, num contexto missionário, refletindo sobre a relação entre Israel e os pagãos no plano salvífico de Deus, Paulo escreve: “Fui encontrado por aqueles que não me procuram, tornei-me visível aos que não perguntam por mim” (Is 65,1). Afirma provavelmente que os pagãos, mais que os judeus, tiveram facilidade em aceitar o Deus de Jesus Cristo.

¹⁵ S. VOIGT, “Estão faltos da glória de Deus (Rm 3,23) – Ambivalência no pensar e linguajar de Paulo”, *Revista Eclesiástica Brasileira* 47 (1987) 243-269. Cf. R. PENNA, “La funzione strutturale di 3,1-8 nella Lettera ai Romani”, *Biblica* 69 (1988) 507-542.

tória, antes de Jesus e sem Jesus, de forma negativa e longe do verdadeiro Deus, para destacar que com Jesus aconteceu uma reviravolta radical (2Cor 5,17). Não é mais o ser humano, deixado à sua mercê como o pagão, que procura a Deus; é o próprio Deus que desde sempre está à sua procura. Além disso, Deus se revela como o Deus da misericórdia e da ternura (Gl 1,15) que o pagão nunca chegou a compreender (1Cor 1,20) e que o judeu, apesar da revelação recebida, não valorizou bastante. Com Jesus a concepção farisaica da justiça retributiva de Deus, quase exclusivamente punitiva, não pode mais se sustentar porque com ele a justiça se torna salvadora, dom gratuito e eficaz, oferecido a todo gênero humano.

3. A revelação do amor de Deus em Jesus Cristo (Rm 3,21-26)

Paulo frisa a mudança acontecida com Jesus escrevendo: “Agora, porém, independentemente da Lei, se manifestou (*phainein*) a justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem” (Rm 3,21)¹⁶. Na frase, a expressão “justiça de Deus” não indica a justiça punitiva. Está relacionada com a salvação que Deus oferece a quem acredita nele (1,17). Com efeito, no AT, a justiça de Deus corresponde à salvação, libertação, misericórdia: “O Senhor fez conhecer sua salvação, revelou sua justiça aos olhos das nações, lembrou-se do seu amor e fidelidade em favor da casa de Israel” (Sl 98,2-3; cf. Sl 40,10-11). “Justiça” significa, portanto, lealdade de Deus para consigo mesmo, sua firme fidelidade à Aliança. Se, em Jesus Cristo, Deus se revela como clemência e misericórdia, sua identidade nunca se desvenda de modo pleno, porque Deus sempre se dá a conhecer por meio de mediações, permanecendo mistério inesgotável¹⁷. É ao interior dessa misericórdia benfazeja que se situa a cólera de Deus, porque Deus é sempre “Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade” (Ex 34,6)¹⁸.

¹⁶ Cf. BAULÉS, *L'Evangile puissance de Dieu*, pp. 127-143; P.G. KLUMBIES, “Der Eine Gott des Paulus. Röm 3,21-31 als Brennpunkt paulinischer Theologie”, *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft* 85 (1994) 194-206.

¹⁷ Paulo frisa que Deus revela “o mistério”, isto é, seu plano de salvação (Rm 16,25; Cl 1,26-27; Ef 1,9; 3,3), sua justiça (Rm 1,17; 3,21.25.26), seu poder (9,22), a riqueza da sua glória (9,23), a verdade (Tt 1,3), Jesus Cristo (Gl 1,12.16), a economia da fé (3,23), sem mais dizer que Deus revela a si mesmo, permanecendo sempre além do que o ser humano pode perceber dele. Cf. PENNA, “Dialettica tra ricerca e scoperta di Dio nell'epistolario paolino”, p. 613.

¹⁸ Em Ef 2,4 Paulo escreve: “Deus rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos”. Cf. LYONNET, *Il vangelo di Paolo*, pp. 20-26, 28-29.

Com o verbo “se manifestou”, que no grego está no tempo perfeito (*pephanérôtai*), Paulo destaca que a revelação da justiça de Deus não é um evento limitado ao passado, mas abrange todos os tempos. Com Jesus a graça da salvação pode ser alcançada por todos à medida do seu relacionamento com Cristo. Ela se apodera do ser humano sem a condição da observância dos preceitos judaicos, mas de modo gratuito (*dôreán*), porque a benevolência de Deus é amor criativo que transforma o pecador, fazendo com que se torne amável, pois “Cristo morreu por nós quando éramos ainda pecadores”, aliás, “ímpios” e “inimigos” (Rm 5,6-10).

Segue-se que o caminho do ser humano para Deus não é mais iniciativa dele, nem é o resultado de uma pesquisa ou de um compromisso moral, mas é dom de Deus que se lhe aproxima. Portanto, não é preciso realizar ações particulares para alcançar o favor de Deus, mas responder ao seu chamado, abrindo o coração e reconhecendo que seu amor tem o primado na obra da salvação. A fé é a única condição para ser salvo. Fé é resposta ao anúncio do evangelho – “pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (10,17), é obediência ao querigma (1,5; 16,26); movida pela caridade, é o pré-requisito indispensável para alcançar a justificação. Em consequência disso, o cristão não é mais centrado em si mesmo, mas em Deus que o transforma. Seu baricentro está fora dele, porque se apoia em Deus. Com efeito, crer significa colocar a esperança em outro, aderir a ele para encontrar nele o terreno estável sobre o qual ficar firme nas areias movediças da vida (Ef 4,14). A fé que atua no amor (Gl 5,6) é uma realidade dinâmica que determina um crescimento interior e estimula a realizar obras exteriores que manifestam a renovação alcançada pela fé, compreendendo sempre mais que Deus é o Deus da ternura que ama o ser humano¹⁹. A essa meta todos são convidados, judeus e pagãos. Isto faz com que o Deus de Jesus Cristo se torne o Deus de todos (Rm 3,29).

A compreensão de que as obras da Lei, feitas para alcançar a benevolência de Deus, nada conseguem, e que com Jesus Cristo se torna possível um caminho totalmente diferente, é comparada por Paulo a uma nova criação. Lembrando o evento de Damasco, que constitui o âmago da sua experiência cristã, escreve: “Deus que disse: ‘Do meio das trevas brilhe a luz’, foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece no rosto de Cristo” (2Cor 4,6). A descoberta de Jesus que transformou sua vida, até então vivida no zelo pelos preceitos judaicos, é comparada à luz da criação que derrota as tre-

¹⁹ Paulo recusa a justificação pelas obras humanas, sejam as da Lei ou de qualquer instituição religiosa, destacando que o ser humano não pode alcançar a salvação por meio dos seus méritos. Frisa, porém, que o cristão justificado deve mostrar sua conversão por meio de atos concretos, sinal da sua transformação interior. Tais atos são dom de Deus dos quais ninguém pode se vangloriar (Ef 2,8-10).

vas primordiais (Gn 1,3). Ele se deu conta de que no rosto de Jesus brilha o amor benevolente do Deus que faz misericórdia, sendo Jesus o novo resplendor da glória de Deus, superior à luz da criação.

Paulo destaca que o lugar em que Deus revela com maior clareza seu amor e sua misericórdia é o evento pascal. Na cruz a entrega de Jesus é plena e total. Nela, mais que o sofrimento, se manifesta a caridade sem limites de Jesus (Jo 13,1). Pode-se dizer que a dureza da paixão e a amarga experiência de carregar o pecado do mundo (2Cor 5,21; Gl 3,13) são como que colocadas entre parênteses diante do amor de Jesus que se imola espontaneamente para a salvação de todos. Esse amor se transforma na alegria e no regozijo interior de realizar o plano de salvação do Pai. Na cruz se encontra, assim, a imagem mais expressiva do amor trinitário que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo e se estende à humanidade.

Na carta aos Romanos, para falar do evento pascal, Paulo usa a imagem do “propiciatório”, dizendo que Deus expôs Jesus como “instrumento de propiciação por seu sangue mediante a fé” (Rm 3,25)²⁰. O termo refere-se à tampa de ouro, colocada no Santo dos Santos do templo de Jerusalém, acima da Arca, além do véu que ninguém podia ultrapassar, a não ser o sumo sacerdote uma vez por ano, no dia da expiação (Ex 25,17-22; Lv 16,2). O propiciatório é o lugar sagrado em que Deus aparece na nuvem (Lv 16,2.12-16) e se comunica com o seu povo (Nm 7,89). Em particular, é o lugar em que acontece a expiação por todo Israel e Deus perdoa os pecados, por ocasião da imolação do bode do sacrifício (Lv 16,15). Jesus realiza em si todas estas funções. Na cruz, ele se torna, assim, o lugar em que Deus se encontra com o seu povo, manifesta sua magnanimidade, enquanto “justo e justificador” (Rm 3,26), apagando os pecados da humanidade e restabelecendo a Aliança²¹.

Com Jesus supera-se, assim, o tempo da ignorância, caracterizado pelo serviço dos deuses e das obras de suas mãos com o intuito de ganhar a salvação, que marcou tanto o paganismo como certo judaísmo, que Paulo define os “fracos e miseráveis elementos” desse mundo (Gl 4,9). O ser humano deve, porém, aceitar que Deus manifesta seu amor por meio de um crucificado que confunde a inteligência dos inteligentes deste mundo, porque é “escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1Cor 1,23).

²⁰ L. MORRIS, “The Meaning of ‘*hilastērion*’ in Romans 3,25”, *New Testament Studies* 2 (1955-1956) 33-43.

²¹ Há diferenças entre o propiciatório antigo e a pessoa de Jesus. Ele derrama seu próprio sangue e não é aspergido por sangue alheio. Jesus é exposto publicamente aos olhos de todos no Calvário, enquanto o propiciatório estava escondido no interior do templo e acessível somente ao sumo sacerdote, no dia do *kippur*.

4. O novo conhecimento de Deus em Jesus

A fé é uma realidade em movimento que leva a uma descoberta progressiva de Deus, em virtude do Espírito Santo que estimula o cristão a sondar todas as coisas, “até mesmo as profundidades de Deus” (1Cor 2,10). Sozinho não poderia fazer isso, mas o Espírito cria nele uma afinidade com o próprio Deus que lhe possibilita o conhecimento do plano da salvação e o modo com o qual Deus opera na história²².

4.1. A relação filial com Deus (Rm 8,15; Gl 4,6)

Com o batismo que realiza uma conformação interior do cristão ao Cristo, ele se torna co-crucificado, co-sepultado, co-ressuscitado, co-vivificado com Cristo (Rm 6,4.6.9; Cl 2,12-13). Aliás, Paulo, usando uma comparação biológica-vital, diz que os cristãos são “co-enxertados” (*sýmphytoi*) com Jesus por uma morte semelhante à sua para compartilhar com ele sua ressurreição (Rm 6,5), destacando que a mesma seiva vital anima Cristo e o cristão. Isto permite uma nova relação com Deus.

Animado pelo amor de Deus, derramado nele por meio do Espírito Santo (5,4), pode dirigir-se a Deus chamando-o de “Abbá, Pai” (8,15; Gl 4,6), assim como fez Jesus em virtude da sua relação única e exclusiva com Deus (Mc 14,36; Mt 11,25-26; Lc 11,2; Jo 11,41). O termo “Abbá” é o mesmo que a criança judia usa, dirigindo-se a seu papai²³. Indica uma paternidade em sentido próprio que abole, de certa forma, a distância infinita entre Deus e a criatura. O cristão pode atuar dessa forma porque partilha, de forma analógica, a relação de filiação que Jesus tem com o Pai. Esse comportamento do cristão pode parecer um absurdo a ele mesmo; por isso, Paulo acrescenta que o Espírito dá ao cristão a certeza de ser verdadeiro filho (Rm 8,16), colocando-lhe nos lábios esta aclamação audaciosa e, pela sua ousadia, desconhecida ao judaísmo. Este se limitava a reconhecer Deus como o Pai do povo (Ex 4,22; Dt 32,6; Is 63,16) e o invocava na liturgia com a fórmula: “Nosso Pai e nosso Deus” (cf. 3Mc 5,7; 6,2-4), porém sem usar a invocação direta “Abbá”²⁴.

Paulo mostra sinteticamente as consequências da situação de filiação do cristão que representam uma realidade que já está se realizando. Ele não

²² Esta possibilidade é dada a toda a comunidade, como indica o sujeito “nós” no plural.

²³ Em Gl 4,6 o grito “Abbá, Pai” é atribuído ao Espírito; em Rm 8,15 a “nós”, isto é, à comunidade cristã e a cada membro seu, embora isso aconteça pela mediação do Espírito (*en hô*). “Abbá” é um termo aramaico usado no culto litúrgico e praticado pelas primeiras gerações cristãs na área siro-palestinese (cf. *Marana-tha*, 1Cor 16,22).

²⁴ Em Sb 14,3 lê-se: “A tua providência, ó Pai, guia o navio”. O texto, com que o orante dirige-se a Deus com a invocação “ó Pai”, representa uma exceção.

é mais escravo, mas filho²⁵, amado pelo Pai como o Filho Jesus, e membro da família de Deus, herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, à medida que participa do evento pascal, sofrendo com Jesus para também com ele ser glorificado (Rm 8,17)²⁶. Também nesse texto o evento pascal, ao qual o cristão é chamado a se conformar, está no centro da reflexão do Apóstolo.

4.2. A revelação do plano de salvação (Rm 8,28-29)

Paulo está convencido (*oídamen*, v. 28) de que tudo coopera para o bem dos eleitos. O termo “tudo”, sem especificações, inclui as provações e as alegrias, os fracassos e as realizações que caracterizam a vida de todo ser humano. No plano benfazejo de Deus, também o mal pode servir para o bem daqueles que amam a Deus, a fim de que alcancem a glória à qual são chamados. A perspectiva paulina está cheia de esperança e lembra a conclusão da história de José: “O mal que tínheis intenção de fazer-me, o desígnio de Deus o mudou em bem, a fim de cumprir o que se realiza hoje: salvar a vida a um povo numeroso” (Gn 50,20). Esta visão otimista de Paulo se fundamenta na convicção de que Deus dirige a história humana com sua justiça salvífica e não com a lei do talião. À diferença do platonismo e do estoicismo, que destacam que o mal depende da responsabilidade humana e que é algo de marginal, destinado a desaparecer na harmonia global, Paulo celebra o triunfo da ação de Deus que, com sua providência, dirige a história e em particular o caminho daqueles que se esforçam por viver de acordo com sua vontade²⁷.

Por meio de verbos estritamente relacionados entre si, todos no aoristo grego, que indica uma ação pontual do passado sem valor temporal, o texto mostra como se desenvolve o projeto salvífico de Deus: “Os que de antemão ele conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de ser ele o primogênito entre muitos irmãos. E os que predestinou, também os chamou, e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou” (Rm 8,29-30).

O primeiro momento do projeto redentor é o *pré-conhecimento* (*proégnō*) dos seres humanos, objeto de atenção de Deus e de seu amor misericordi-

²⁵ O termo usado é *tékna*, diferente de *hyioí*; significa “crianças” e indica a relação íntima com os pais, sem se interessar pelo sexo.

²⁶ A fórmula “herdeiros de Deus” quase nunca se encontra na Bíblia (cf. 2Mc 2,17). A herança prometida a Abraão se esgota no dom da terra, na descendência numerosa e na justificação pela fé (Gn 15,1-5; Rm 4,13). É limitada aos membros do povo de Israel. Em Paulo, a herança tem alcance universal e se realiza no futuro escatológico. Depende da relação do crente com Cristo, do qual é co-herdeiro.

²⁷ Com referência ao *Shemà* hebraico (Dt 6,4-6), Paulo frisa que o cristão deve “amar a Deus” (cf. 1Cor 8,3). O amor não se esgota em sentimentos; corresponde à observância dos mandamentos (Ex 20,6; Dt 5,10; 30,16.20; Sl 97,10; Sir 2,15-16).

oso desde a eternidade (Ef 1,1-10). À luz do pensamento bíblico, “conhecer” significa escolha, destinação particular, antes de qualquer decisão ou ação humana. No seu raciocínio, Paulo refere-se aos cristãos, e somente em segunda instância aos membros da humanidade que, embora sem saber, estão relacionados com Jesus salvador. Pré-conhecimento está em conexão com a *pré-destinação* (*proôrisen*) dos eleitos a serem conformes a Jesus, que é o modelo por excelência de cada ser humano, destinado à salvação. O verbo, mais dinâmico do que o anterior, indica que a finalidade do plano de Deus é fazer com que o homem reproduza em si as feições do Cristo morto e ressuscitado, por meio de uma vida de fé e de entrega. Tal conformidade começa na vida presente e chega à plenitude no momento escatológico (Rm 8,11.23). O termo predestinação, usado por Paulo, não deve ser interpretado de forma determinística, como se Deus escolhesse uns para a salvação e destinasse outros para a danação. Frisa que todos são destinados para a vida eterna porque Jesus, com sua morte e ressurreição, resgatou a humanidade toda. Paulo continua dizendo que aqueles que foram pré-conhecidos e predestinados, são também *chamados* (*ekálesen*) por meio do anúncio do evangelho e do batismo (Gl 1,6; 5,8.13; 1Ts 2,12). Ao chamado, dom da iniciativa divina, segue a *justificação* (*edikaiôsen*), isto é, a santificação em virtude do sacrifício pascal de Jesus que deve caracterizar progressivamente a vida cristã. A última etapa é a glorificação (*edóxasen*) dos eleitos. Paulo, com um paradoxo, pensa que o evento, embora futuro, tenha já acontecido, mostrando considerar as várias etapas da história salvífica a partir do eterno presente de Deus. Este voo pindárico se explica porque o cristão, desde já, goza das primícias do Espírito (Rm 8,23), foi libertado da lei da morte e do pecado (8,2) e já possui “o penhor” da glória futura (Ef 1,14). Descrevendo as etapas do plano da redenção, Paulo se dá conta de que uma corrente de ouro amarra os cristãos desde a eternidade (e com eles o mundo todo), para conduzi-los à felicidade do Reino. Com razão S. Irineu fala da “grande sinfonia da salvação”²⁸.

A magnificência do plano de Deus é celebrada por Paulo também em Rm 11,32. O texto que apresenta a recusa do Messias por parte do povo hebraico e o anúncio da conversão dos gentios, enxertados como ramos silvestres na oliveira santa de Israel, termina com uma exclamação cheia de entusiasmo: “Deus encerrou todos na desobediência, para a todos fazer misericórdia”. Os pagãos foram desobedientes porque não respeitaram os mandamentos de Deus; foi desobediente Israel porque recusou o Messias. Deus, porém, serviu-se da ingratidão humana para beneficiar a todos. Pois Paulo está certo de que o dom da salvação será aceito também pelo povo hebraico, porque Deus é fiel às suas promessas. O hino doxológico à sabedoria de Deus: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são

²⁸ IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, 4,14,2.

insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!”, encerra a reflexão que Paulo iniciou em Rm 8,28, reconhecendo que os decretos misteriosos de Deus sobrepujam toda compreensão humana e confessando que tudo é graça²⁹.

4.3. A fidelidade de Deus no dia do julgamento final (Rm 8,31-38)

Se o projeto salvífico tem tamanha grandeza, Deus não pode abandonar o cristão na situação mais crítica da sua existência que será o julgamento final, em que os ataques de Satanás se manifestarão com particular virulência (Jó 1,6-12; Zc 2,2). Com uma série de questões retóricas, que apresentam uma hipótese, mas que de fato correspondem ao reconhecimento de uma realidade, Paulo dá ânimo aos seus fiéis e os exorta a não ter medo: “Se Deus está conosco, quem estará contra nós”? A resposta é óbvia: ninguém, porque Deus é por definição ‘o Deus que está conosco’, uma expressão muito mais forte do que aquelas que convidam a ter confiança nele (Sl 56,10; 23,4) e a esperar no seu sustento (Is 43,5; Jz 6,12). A plena confiança nele baseia-se, pois, no seu amor pelos eleitos. Com outras interrogações retóricas, Paulo chama a atenção dos seus interlocutores: “Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele³⁰? Quem acusará os eleitos de Deus? Deus que justifica? Quem condenará? Cristo Jesus, aquele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, aquele que está à direita de Deus e que intercede por nós?”. Também a essas questões deve-se responder negativamente, porque na cruz Jesus Cristo mostra sua plena solidariedade com os pecadores.

No texto, Paulo vai além da própria palavra de Jesus que diz: “Muitos são os chamados e poucos os eleitos” (Mt 22,14), com um otimismo sem limites, alicerçado na ação de Deus. A conclusão é que somente o ser humano, impulsionado por Satanás, pode recusar a salvação que Deus lhe oferece. Com efeito, no juízo final o amor do Pai operará com sua máxima eficácia, porque estritamente relacionado com o amor que ele tem para com o Filho e com o amor do Filho para cada cristão e cada membro da humanidade. Pela mediação de Jesus, pois, todos são considerados por Deus como o próprio Filho. É evidente que a celebração da inaudita benevolência de Deus não deve levar ninguém para a leviandade, mas ajudar a crescer em responsabilidade. Deus não salva o ser humano sem sua colaboração.

²⁹ Cf. Is 55,8-9; Jó 9,10; Sb 17,1.

³⁰ A expressão “não poupou o próprio Filho e o entregou por todos nós”, não deve levar a pensar que Deus seja um carrasco. Ele decidiu que o Filho encarnado fizesse de sua vida um sacrifício de amor para a humanidade, não lhe impondo nada de fora, mas despertando nele o desejo de amar os seres humanos até a oferta total da sua vida. Cf. LYONNET, *Il vangelo di Paolo*, p. 122.

Para fortalecer a confiança do cristão, Paulo apresenta sete possíveis acusadores que poderiam colocar à prova sua segurança na hora do julgamento: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez o perigo, a espada?”³¹. Também nesses hipotéticos desafios “o amor de Cristo” triunfará. Na frase o genitivo é subjetivo e refere-se ao amor que Jesus tem para com o ser humano, não ao amor que o cristão tem para com Jesus, que é sempre fraco e instável “como uma nuvem” (Os 6,4). Esse amor garante ao cristão ser supervencedor: “em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (Rm 8,37). Olhando com realismo para as condições difíceis da existência cristã na terra, Paulo não quer dizer somente que o cristão superará as provações futuras, mas será vencedor graças às provações que mostrarão a força do amor de Jesus que o sustenta; pois, é na fraqueza que se manifesta mais poderosamente a ação de Deus (2Cor 12,10).

A conclusão da peroração final em Rm 8,38-39 continua, sempre repleta de otimismo³², dizendo que nem as forças humanas e cósmicas, objeto de temor por parte dos pagãos, nem a morte com seu aperto, nem a vida com suas tentações, nem o presente com suas dificuldades, nem o futuro com sua incerteza, nem os poderes celestiais e as forças misteriosas do cosmo, tradicionalmente hostis ao homem, nem qualquer outra criatura, porquanto poderosa, poderão separar o cristão do amor que Deus lhe manifesta em Jesus Cristo³³. A salvação do cristão é, pois, uma realidade já realizada, a não ser que ele queira conscientemente se excluir.

5. À guisa de conclusão

Os caminhos para Deus, que Paulo apresenta na carta aos Romanos, são paradigmáticos para toda época. Chegar a Deus por meio da criação, evitando cair na idolatria, é uma possibilidade oferecida a todos. Encontrar-se com o Deus da revelação é um dom de graça, precavendo-se porém da tentação de influenciar a ação de Deus com o cumprimento de determinados preceitos ou ações. As perspectivas de Deus do pagão e do judeu,

³¹ Trata-se das provações que caracterizam a situação humana e a condição do apóstolo (1Cor 4,11; 1Ts 3,3). Mencionando a espada, Paulo refere-se ao martírio dos cristãos e dos justos do AT, em particular na época da resistência macabeia contra a perseguição de Antíoco Epifanes (At 12,2; Hb 11,37; Ap 6,4; cf. Sl 44,23).

³² Trata-se de uma declaração pessoal de Paulo, introduzida pela frase: “estou convencido de que ...” (cf. Rm 14,14; 15,14).

³³ No texto, o amor de Deus para com o homem e o amor de Cristo se entreligam. Com efeito, o cristão conhece o amor de Deus por meio do amor de Cristo e sabe que o amor de Cristo é expressão do amor do Pai (Ef 2,4; 5,1-2).

apresentadas por Paulo, são, porém, inadequadas e destinadas ao fracasso, embora possam ter ajudado, de forma temporária, o ser humano na procura da verdade. O Deus de Jesus Cristo tem características diferentes. Previne o homem do seu desejo de procurá-lo e se manifesta gratuitamente como aquele que toma a iniciativa do encontro, sendo amor que redime, sem aceção de pessoa, povo ou cultura. Trata-se de um anúncio novo no panorama religioso da humanidade. À luz desta situação, novos horizontes se abrem. Deus não é mais o todo-poderoso, a causa primeira que tudo domina, nem o juiz rigoroso e implacável, mas aquele que ama com ternura de Pai cada ser, tomando a sério sua liberdade, chamada continuamente a uma opção responsável. Dizendo isto, Paulo, sem querer, toma distância do Deus da dita “ontologia forte” dos sistemas filosóficos antigos e da modernidade, recusando recorrer a categorias metafísicas para defini-lo. À luz da encarnação de Jesus, da sua morte e ressurreição, que constituem a máxima revelação de Deus, destaca, ao contrário, que Deus é o Deus da gratuidade que fala a linguagem da graça e do amor que não se impõe e aparece fraco, mas que é mais forte do que a morte. À luz da revelação que recebeu coloca, assim, os pressupostos para uma nova ontologia, também a da pós-modernidade, como hoje se costuma dizer³⁴.

O laicismo, o agnosticismo, o ateísmo atuais, sustentados por uma visão pseudocientífica, hedonística e consumista da vida, estão se impondo sempre mais na mentalidade de muitos dos nossos contemporâneos. De acordo com a perspectiva de Paulo, o resultado é fazer com que o homem se torne sempre mais prisioneiro de si mesmo. Ao contrário, para se realizar, ele precisaria entender que sua verdadeira identidade e sua grandeza estão relacionadas com o mistério de Deus, ou melhor, escondida com Cristo em Deus.

S. Teófilo de Antioquia, no final do II século, com uma perspectiva um pouco moralista, alerta: “Deus é visto pelos que o podem ver, isto é, por aqueles que têm olhos. Uns têm olhos obscurecidos e não enxergam a luz do sol. Todavia pelo fato de que os cegos não enxergam não se pode concluir que a luz do sol não brilhe. [...] Como um espelho resplandecente, deve ser a alma do ser humano. Quando o espelho se deteriora, o rosto do homem não pode mais ser visto nele. Da mesma forma, quando o pecado tomou posse do ser humano, ele não podia mais ver a Deus. [...] Coloque à disposição do médico e ele operará os olhos de tua alma e de teu coração. Quem é este médico? É Deus que, por meio do Verbo e da sua sabedoria, cura e dá a vida”³⁵. Tomara que a atual negação teórica e prá-

³⁴ C. GRECO, *Dire Dio oggi: Presupposti, aporie, possibilità*, Avellino: Istituto Superiore di Scienze Religiose ‘S. Giuseppe Moscati’, 2008, pp. 29-33.

³⁵ TEÓFILO DE ANTIOQUIA, *Livro a Autólico*, I, 2. 7 (PG 6, 1026-1027. 1035).

tica de Deus, consequência de visões erradas ou imperfeitas, possa ser uma chance para o ser humano se libertar dos ídolos e das ideologias e redescobrir a perene novidade do Deus “vivo e verdadeiro”, que Paulo identifica com o Deus de Jesus Cristo.

Alberto Casalegno SJ é licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma), e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente é professor da Sagrada Escritura na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional (Nápoles) e no Instituto Teológico em Belém do Pará. Publicou *Gesù e il Tempio*: Studio redazionale di Luca / Atti, Brescia: Morcelliana, 1984; *Paulo: o Evangelho do amor fiel de Deus*, São Paulo: Loyola, 2001; *Tempo ed eternità: In dialogo con Ugo Vanni S.I.* (ed.), Cinisello Balsamo (Mi): Edizioni San Paolo, 2002; *Lucas: a caminho com Jesus missionário*, São Paulo: Loyola, 2003; *Ler os Atos dos Apóstolos. Estudo da teologia lucana da missão*, São Paulo: Loyola, 2005; *Perché contemplino la mia gloria (Gv 17,24). Introduzione alla teologia del Vangelo di Giovanni*, Cinisello Balsamo (Mi): Edizioni San Paolo, 2006. É autor de numerosos artigos e resenhas.

Endereço: Villa San Luigi
Via Petrarca, 115
80122 Napoli – Itália
e-mail: casalegno.a@gesuiti.it